

# MILAGRES NO CORAÇÃO



Sermões  
em redor do  
Evangelho  
de Marcos

TIAGO  
CAVACO

  
VIDA NOVA

# SUMÁRIO



Agradecimentos.....	11
Prefácio .....	13
Prelúdio.....	17

## SERMÕES

1. Jesus a tomar conta da cena.....	25
2. O Diabo no deserto e o emprego no mar .....	31
3. Demónios estridentes ensinando cristãos adormecidos ..	41
4. Começa no coração e acaba nas pernas.....	53
5. Seguir é o melhor remédio .....	63
6. Inimigos e discípulos mais dedicados.....	75
7. A família de Jesus é filha de Deus Pai .....	83
8. A inteligência nas orelhas .....	93
9. Fruta do céu.....	101
10. Três parábolas.....	107
11. A soma dos medos.....	115
12. A presença de Jesus .....	121
13. A cura e a ressurreição .....	129
14. Casa de carpinteiro.....	135
15. Fantasmas maiores do que homens.....	143
16. Dieta milagrosa.....	151
17. Quando o coração não sente, a cabeça não pensa.....	159
18. O legalista é um ator.....	165

*Milagres no coração*

19. O mal vê-se por dentro .....	171
20. Cães e pães.....	177
21. Jesus muda o mudo e muda a multidão.....	185
22. Fermento no provisório.....	191
23. Arreda, Satanás! .....	199
24. Autonegação e cruz .....	207
Poslúdio .....	215

## PREFÁCIO



EM CERTO PONTO DE *LE ROYAUME*, Emmanuel Carrère conta a história de um amigo que ouvira dizer que um seu colega de infância tinha sido de tal forma tocado pela graça que se tornara padre. Temendo que lhe acontecesse o mesmo, ele rezava todas as noites, pedindo a Deus a graça de não ser tocado pela graça. Tiago Cavaco é uma espécie de avesso do amigo de Carrère. O outro pede: “Livrai-me do que é difícil”; ele exige: “Apresentai-me a dificuldade. Aguardo-a. Estou ansioso por confrontar-me com ela”. Faz especial sentido, por isso, que este pregador se dedique (ou se dedique em primeiro lugar) ao Evangelho de Marcos. É um texto que resiste a ser compreendido — como acontece, aliás, com o seu protagonista. A dificuldade de compreender Jesus é, precisamente, um dos temas de Marcos. Cristo exprime-se através de parábolas, o que não ajuda. Faz afirmações estranhas, como quando diz que os mais humildes são os mais poderosos ou que os últimos são os primeiros. Come com os pecadores — e parece ter simpatia pelo que é impuro. Os seus próprios discípulos não o reconhecem; os demónios, pelo contrário, sabem imediatamente quem ele é. Apesar de ser o glorioso Messias, acaba escarnecido e executado. É a razão pela qual os crentes se batizam, mas o Evangelho começa com o seu baptismo. Além disso, como diz Paula Frederiksen, o Cristo de Marcos é um

homem que tem pressa. É mais áspero do que sedutor, mais enigmático do que amável. Em linguagem moderna, diríamos que não tem sensibilidade para o marketing.

Sucede que Tiago Cavaco é um crente à medida do seu Deus. Não é um pregador de gala; é um pregador de combate. Confessa (ou provoca): “Este é um livro de um crente que quer mesmo impingir a sua crença a quem ainda não a tem”. No entanto, o nosso modelo de pregador é outro, e também por isso a comparação é inevitável. Vieira pregou o Sermão da Sexagésima na Capela Real; o Tiago pregou os seus numa cave em São Domingos de Benfica. Onde Vieira é cativante, o Tiago é duro; onde Vieira é complicado, o Tiago é simples e claro; onde Vieira cita o texto latino da Vulgata, o Tiago cita Nick Cave. Como leitor, quero esclarecer que não estou a tomar partido: estou apenas a registar uma diferença — que torna diferente a leitura.

Porque é disso que se trata: ler. Há duas maneiras de uma pessoa se relacionar com um objeto sagrado. Uma é não lhe tocar; outra é engoli-lo. Na Bíblia encontramos várias indicações de que Deus não deseja ser tocado. Há ordens importantes que parecem apontar nesse sentido: “Não olhes para o meu rosto, não desenhes o meu retrato, não digas o meu nome em vão”. Mas, claro, há um argumento decisivo a favor da segunda opção: “Tomai, todos, e comei: isto é o meu corpo”. A proposta do Tiago é comer a Palavra. Interiorizar o texto, torná-lo parte de si, batalhar com o seu significado como quem se debate com uma refeição que caiu mal. Às vezes o texto é indigesto, mas o pregador recusa açucará-lo. Pelo contrário, quer concentrar-se na indigestão, na razão pela qual a Palavra resiste a ser assimilada. A proposta do protagonista de Marcos não é exatamente um convite para

a glória, é antes de mais nada um convite para o sofrimento. É nesse convite, e não noutra, que este pregador está interessado. Que mérito há em aceitar um convite para a glória? E é natural que seja difícil aceitar um convite para sofrer. O próprio Cristo, na cruz, pergunta: “Deus meu, porque me desamparaste?”. Deus feito homem parece não compreender o seu próprio sofrimento. Talvez seja isso que ser homem significa: ser incapaz de compreender o seu próprio sofrimento. O que o autor destes sermões pretende é, então, preparar-se a si e aos outros para a tarefa difícil de compreender um convite para uma tarefa ainda mais difícil. Sem transigir nem ceder à ideia de que ambas as tarefas podem ser mais fáceis do que parecem. O Evangelho de Marcos é um terreno inóspito. Talvez seja apropriado, e até mais seguro, experimentar conhecê-lo com a ajuda de um guia inflexível.

Ricardo Araújo Pereira

## PRELÚDIO



ESTA SÉRIE DE SERMÕES FOI PREGADA há quase sete anos. Na altura, a congregação que a ouviu rondava as trinta pessoas. Durante quase dois anos, a nossa comunidade de então, a Igreja Baptista de São Domingos de Benfica, reunida numa cave estreita em frente ao Hospital da Cruz Vermelha, leu o Evangelho de Marcos de fio a pavio. Não posso falar por todos, mas posso falar pelo pregador. Ainda hoje, o Evangelho de Marcos é a estrutura do meu conhecimento acerca de Jesus. Já li a Bíblia várias vezes e leio-a totalmente todos os anos (é o mínimo que se pode pedir a um pastor). No que diz respeito aos Evangelhos, fico espantado diante da profundidade de João, surpreendo-me com a elegância de Lucas e admiro a resolução de Mateus. Mas é o esqueleto dos dezesseis capítulos de Marcos que continuo a recitar frequentemente como a minha âncora evangélica. Não voltei o mesmo da leitura destas páginas.

O Evangelho de Marcos ficou para mim como aquele texto que imediatamente recomendo a alguém que quer começar a ler a Bíblia. E geralmente, junto com essa recomendação, sugiro um desafio: “Toma nota daquilo que te surpreende em Jesus, sobretudo daquilo que nele te ofende”. Acarinhando os aparentes maus-tratos que Jesus nos inflige é um dos meus credos. Isto porque a leitura dos Evangelhos,

e a do O Evangelho de Marcos em particular, dificilmente sossega alguém. Aliás, apetece perguntar: de onde veio a ideia ridícula de que a fé serve para trazer tranquilidade à nossa vida?

Paradoxalmente, o absurdo de pensar que a religião serve para nos pacificar tem um efeito muito positivo: a palavra “sermão” hoje soa a palavrão. E ainda bem. Com sorte, pregar sermões, ouvi-los, difundir-los ou lê-los pode em breve tornar-se uma atividade ilegal. Já tenho sentido o desejo de muitos de criminalizarem a crença na existência de Deus, criminalizarem a crença de que ele se revelou e criminalizarem a crença de que a pregação é um acesso a essa revelação. Saibam onde me encontrar, se esse dia chegar — provavelmente atrás de um púlpito, com a Bíblia aberta em Marcos.

Ler estes sermões não é a mesma coisa que, integrando a congregação, ouvi-los na comunidade que a Igreja é. Para a magia ser magia é preciso estar no lugar em carne e osso, seguindo a mesma lógica que Jesus seguiu ao tornar-se a palavra encarnada. Mas, na ausência dessa possibilidade, é, ainda assim, um contato com a palavra. E, como o cristianismo nos ensina, assim que a palavra entra em ação, universos passam a existir. É isso que nos ensina o primeiro capítulo da Bíblia, no livro de Génesis, e é isso que se repete quando uma pessoa continua a lê-la hoje.

Há pressupostos que este livro assume e não problematiza. Um deles é o de acreditar que a Bíblia é mesmo a revelação de Deus. Se esta é uma noção repugnante para alguém, provavelmente vai expor-se a uma experiência complicada se decidir continuar a avançar por estas páginas. Aviso-o já para o poupar a que murmure parágrafo sim, parágrafo não, à custa de problemas que para mim não o são.



No entanto, gostaria de fazer um comentário acerca deste assunto. Creio que hoje um dos maiores obstáculos a que aceitemos a ideia de um Deus que existe e que resolveu revelar-se através de um livro como a Bíblia não vem tanto do muito que sabemos e que, conseqüentemente, torna difícil assim acreditar. Não. Acho mesmo que é mais o contrário. Até porque alguém que queira seguir os debates sobre estas questões, de defesa da inspiração divina da Bíblia, vai ficar certamente surpreendido com o rigor intelectual e acadêmico de muitos que a defendem.

Um dos maiores obstáculos a que aceitemos a ideia de um Deus que existe e que resolveu revelar-se através de um livro como a Bíblia vem do muito que não queremos saber. Creio que existe um receio inconfessado de que a possibilidade de Deus se ter revelado mesmo na Bíblia tenha mais pés para andar do que gostaríamos e, naturalmente, coloque em causa a nossa falta de fé. E há uma razão empírica que me leva a estar convicto desta ideia. A maior parte dos autodenominados cépticos que conheço nunca gastou muito tempo a pensar seriamente sobre este assunto. Fizeram do pouco que pensaram um pretexto para dizerem que acreditar que a Bíblia é a palavra de Deus é uma coisa mal pensada.

Por fim, e apesar de ter dito que não ia discutir este pressuposto, não resisto a citar dois parágrafos de Dallas Willard, que tomo como a minha própria posição.

“Suponho que a Bíblia foi produzida e preservada por seres humanos competentes que eram, no mínimo, tão inteligentes e devotos como nós somos hoje. Pressuponho que eles tiveram plena capacidade de interpretar com precisão e com a sua própria experiência, e de apresentar com objetividade aquilo que ouviam e vivenciaram na língua da sua comunidade

histórica, [de um modo] que hoje conseguimos compreender, feito o esforço devido. No lado divino [da questão], suponho que Deus teve a disposição e a competência para fazer com que a Bíblia, inclusive os relatos sobre Jesus, fosse escrita e preservada de modo a assegurar que as Escrituras cumpram entre os homens de todo o mundo os propósitos que o Senhor concebeu para elas. Aqueles que realmente creem em Deus não veem nenhum problema nisto. Suponho que ele não legou, nem legaria, a sua mensagem à Humanidade numa forma que só possa ser compreendida por um punhado de estudiosos profissionais do final do século XX, que não conseguem concordar sequer entre si acerca das teorias que supõem determinar qual é a mensagem.

A Bíblia é, afinal, a dádiva de Deus para o mundo por intermédio da sua Igreja, não dos seus eruditos. A Bíblia chega-nos por intermédio da vida do povo de Deus, e nutre essa vida. O seu propósito é prático, não académico. O que se faz necessário para nos encaminhar à vida no reino de Deus é uma leitura inteligente, cuidadosa, exaustiva, mas direta — ou seja, uma leitura que não seja regida por teorias obscuras nem ditada por modas ou por uma ortodoxia irracional. Qualquer outra abordagem da Bíblia, creio eu, entra em conflito com o retrato de Deus que, todos concordam, nasce de Jesus e da sua tradição. Deixo ao leitor de mentalidade mais filosófica a tarefa de ponderar até que ponto esta minha crença é ou não prejudicialmente circular.”

Este é um livro de sermões de um pregador de profissão. Repito, por isso, algumas cautelas que no passado já registei (no meu último livro, sobre Lutero, *Cuidado com o Alemão*).

Como protestante que sou, o ritmo é pouco lusitano (à la Vieira, para dar o exemplo mais acessível). O texto

está cheio de repetições, estabelecem-se muitas oposições (e umas quantas duplas negativas), fazem-se perguntas retóricas, sugerem-se várias generalizações e procura-se uma oratória em alguns casos intencionalmente inflamada. Todas estas práticas literárias não são propriamente populares. No entanto, não são escolhidas para dificultar a vida ao leitor. Pelo contrário, são escolhas feitas em função de um compromisso com a simplicidade. No cristianismo evangélico há uma preferência pela simplicidade, porque se acredita que, quando Deus se revela, revela-se mesmo.

A simplicidade é um Evangelho difícil de pregar para uma cultura que se tem apaixonado pela ideia de que só se pode ter fé quando, ao mesmo tempo, se exhibe algum cepticismo. Ora, este pregador que vos escreve não tem grande paciência para o que lhe parece um ilusionismo espertalhão disfarçado de humildade epistemológica. Se estou certo de que há uma diferença entre crença e credence, também estou certo de que disfarçar a fé com a roupa da descrença serve apenas para fãs de travestis. Este é um livro de um crente que quer mesmo impingir a sua crença a quem ainda não a tem. Este é um livro de um crente que acredita sinceramente que o seu credo é a diferença entre a vida e a morte. Se ficar zangado com isso, não faz mal. Ao insistir e conhecer o Evangelho de Marcos, vai ver que Jesus ainda vai irritá-lo mais do que eu. E que promissor isso é!

## Sermões

Pregados na Igreja Baptista  
de São Domingos de Benfica


## JESUS A TOMAR CONTA DA CENA



DIZ A PALAVRA EM MARCOS 1:1: “Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus”.

Qualquer Igreja que seja Igreja quer conhecer a palavra de Deus — não é uma opção, é uma necessidade. Mas a verdade é que muitos de nós, apesar de termos sido educados a ir à igreja, não estamos treinados para ler consistentemente a Bíblia. Na prática, temos amadurecido fora do Evangelho. E isso é triste. Não temos como não nos arrepender do pecado que é alimentar uma presunção de ter fé sem intimidade com a Escritura.

Estudamos a Bíblia porque acreditamos que ela é íntegra. Encontramos mesmo, em toda a sua diversa extensão, uma mensagem incrivelmente coerente de salvação através de Jesus Cristo. Qualquer página das Escrituras, quando corretamente lida, conta sempre acerca dele. Sabemos que hoje é fácil não ter grande confiança na revelação escrita. No entanto, cremos sinceramente que a existência da Bíblia é, já em si, um verdadeiro milagre — e, como acreditamos num Deus que faz milagres, temos a Escritura como mais um exemplo deles. Acreditamos que o Espírito Santo, que



**Tiago Cavaco dedicou parte de seus sermões semanais aos textos de Marcos, "o mais ossudo e agitado de todos os Evangelhos".**

Nesses textos, há algo que nos espanta: Jesus faz milagres a pessoas que, depois, não o ouvem. O fato de Cristo fazer bem a tanta gente não significa que tenha acontecido a essas pessoas o bem maior de seguirem a Cristo. Simplificando: é possível tirar coisas boas de Jesus sem que Jesus se torne a verdadeira coisa boa para nós. Se, de um lado, Jesus parece condescender com quem não está tão interessado nele, de outro, parece rejeitar os que estão mais disponíveis para o seguir. Quer para uns, quer para outros, Cristo é sempre uma novidade. A Bíblia é o livro mais lido de sempre e ao mesmo tempo continua sendo o que mais carece de leitura, até por aqueles que julgam conhecê-lo.

Pregador crescido no *punk rock*, Tiago Cavaco fez acompanhar a este livro de sermões um conjunto de canções que querem ser tão ossudas quanto o Evangelho de Marcos. *Milagres no Coração* é também o nome de um disco lançado pelo autor e que pode ser ouvido em qualquer plataforma digital.

TIAGO CAVACO é formado em Ciências da Comunicação na Universidade Nova de Lisboa e pastor da Igreja da Lapa, em Lisboa. Trabalhou dez anos em televisão, colabora com a revista *Ler*, mantém desde 2003 o blog *Voz do Deserto*. É autor de *Cuidado com o Alemão*, *Seis sermões contra a preguiça* e *Ter fé na cidade*, publicados por Vida Nova.